

JAVIER MARÍAS

Os enamoramentos

Tradução

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Javier Marías

Edição original, Alfaguara (Santillana Ediciones Generales, S. L.),
Madri, 2011 (Casanovas & Lynch Agência Literária S. L.)

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Los enamoramientos

Capa

warrakloureiro

Imagem de capa

© Elliott Erwitt/ Magnum Photos/ Latinstock

Preparação

Silvana Afram

Revisão

Huendel Viana

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marías, Javier

Os enamoramientos / Javier Marías ; tradução Eduardo
Brandão — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Los enamoramientos.

ISBN 978-85-359-2153-3

1. Ficção espanhola 1. Título.

12-08508

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura espanhola 863

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S. A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

A última vez que vi Miguel Desvern ou Deverne foi também a última vez que sua mulher, Luisa, o viu, o que não deixou de ser estranho e talvez injusto, já que ela era isso, sua mulher, e eu, ao contrário, era uma desconhecida e nunca havia trocado uma só palavra com ele. Nem sabia seu nome, só soube quando já era tarde, quando apareceu sua foto no jornal, esfaqueado, a camisa quase despida, e a ponto de virar defunto, se é que já não o fosse para sua consciência ausente que nunca mais voltou: a última coisa de que deve ter se dado conta foi que o esfaqueavam por equívoco e sem motivo, ou seja, imbecilmente, e além do mais várias vezes, sem salvação, não uma só, mas com vontade de suprimi-lo do mundo e expulsá-lo sem mais demora da terra, ali e então. Tarde para quê, eu me pergunto. A verdade é que não sei. É que, quando alguém morre, pensamos que já ficou tarde para qualquer coisa, para tudo — ainda mais para esperá-lo —, e nos limitamos a dar baixa nessa pessoa. Assim também com nossos achegados, embora nos custe muito mais e os choremos, e sua imagem nos acompanhe na mente quando caminha-

mos pelas ruas ou em casa, e acreditemos por muito tempo que não vamos nos acostumar. Mas desde o início sabemos — desde que morrem — que já não devemos contar com eles, nem para a mais ínfima das coisas, para um telefonema trivial ou uma pergunta boba (“Lembrou de deixar a chave do carro?”, “Que horas mesmo as crianças saíam hoje?”), só por perguntar, por nada. Nada é nada. Na realidade, é incompreensível, porque supõe ter certezas, e isso vai de encontro à nossa natureza: a certeza de que alguém não vai mais vir, nem falar, nem dar um passo, nunca mais — nem para se aproximar nem para se afastar —, nem olhar para nós, nem desviar a vista. Não sei como resistimos a isso, nem como nos recuperamos. Não sei como por vezes nos esquecemos, quando o tempo já passou e nos afastou deles, que ficaram parados.

Mas eu o havia visto e ouvido falar e rir muitas manhãs, quase todas ao longo de alguns anos, de manhã cedo, não muito, na verdade eu costumava chegar ao trabalho um pouco atrasada para ter a oportunidade de encontrar um instante aquele casal, não ele — não me entendam mal — mas os dois, eram os dois que me tranquilizavam e me deixavam contente, antes de começar minha jornada. Transformaram-se quase numa obrigação. Não, a palavra não é adequada para o que nos proporciona prazer e sossego. Quem sabe numa superstição, mas nem isso: não é que eu acreditasse que o dia seria ruim se não compartilhasse com eles o desjejum, à distância, entenda-se; era que eu o iniciava com o moral mais baixo ou com menos otimismo, sem a visão que eles me ofereciam diariamente e que era a do mundo em ordem, ou, se preferirem, em harmonia. Bom, a de um fragmento diminuto do mundo que poucos de nós contemplavam, como acontece com todo fragmento ou vida, até a mais pública e exposta. Não gostava de me trancar horas a fio sem tê-los visto e observado, não às escondidas mas com discrição, a última coisa

que eu gostaria era fazê-los sentir-se incomodados ou importuná-los. E teria sido imperdoável afugentá-los, além de ser negativo para mim. Me reconfortava respirar o mesmo ar, ou fazer parte da paisagem matinal deles — uma parte despercebida —, antes que se separassem até a refeição seguinte, que talvez já fosse o jantar, em muitos dias. Naquele último em que sua mulher e eu o vimos não puderam jantar juntos. Tampouco almoçaram. Ela o esperou vinte minutos sentada numa mesa de restaurante, estranhando mas sem temer nada, até que o telefone tocou e seu mundo acabou, e nunca mais voltou a esperá-lo.

Desde o primeiro dia saltou à vista que eram casados, ele uns cinquenta anos, ela bem menos, ainda não devia ter chegado aos quarenta. O que mais agradava neles era ver como se davam bem. Numa hora em que ninguém quer saber de nada, ainda menos de festas e risadas, falavam sem parar, se divertiam, se estimulavam, como se tivessem acabado de se encontrar ou até de se conhecer, e não como se tivessem saído juntos de casa, e tivessem deixado as crianças no colégio, e tivessem se arrumado ao mesmo tempo — talvez até no mesmo banheiro —, e tivessem acordado na mesma cama, e a primeira coisa que cada qual teria visto fosse a esperada figura do cônjuge, e assim um dia depois do outro fazia muitos anos, pois os filhos, que os acompanharam uma ou duas vezes, deviam ter uns oito, a menina, e uns quatro, o menino, que se parecia muitíssimo com o pai.

Este se vestia com distinção ligeiramente antiquada, sem chegar de modo algum a ser ridículo nem anacrônico. Quero dizer que andava sempre de terno, tudo combinando bem, camisas sob medida, gravatas caras e sóbrias, lenço aparecendo no

bolso do paletó, abotoadura, sapatos de cadarço bem engraxados — pretos ou de camurça, estes só no fim da primavera, quando punha ternos claros —, mãos cuidadas por manicure. Apesar disso não dava impressão de executivo presunçoso nem de grã-fino exagerado. Parecia antes um homem cuja educação não lhe permitia sair à rua vestido de outra maneira, pelo menos nos dias úteis; nele aquela classe de indumentária era natural, como se o pai lhe houvesse ensinado que a partir de certa idade era essa a sua obrigação, independente das modas que já nascem caducas e dos esfarrapados tempos atuais, que não tinham por que afetá-lo. Era tão clássico que nunca descobri nele um só detalhe extravagante: não queria se passar por original, mas acabava sendo um pouco no contexto daquela cafeteria em que sempre o vi e também no de nossa cidade negligente. O efeito de naturalidade se via realçado por seu caráter indubitavelmente cordial e risinho, mas não informal (não o era com os garçons, por exemplo, a quem sempre tratava de senhor e com amabilidade incomum, sem cair no meloso): de fato, chamavam um tanto a atenção suas frequentes gargalhadas que eram quase escandalosas, mas de modo algum incômodas. Sabia rir, fazia-o com força mas com sinceridade e simpatia, nunca como se adulasse nem em atitude tolerante, mas como se reagisse a coisas em que achava verdadeira graça e em muitas achasse, um homem generoso, disposto a perceber o cômico das situações e aplaudir as brincadeiras, pelo menos as verbais. Talvez fosse em sua mulher que achava graça, no geral, há gente que nos faz rir mesmo sem se propor, conseguem fazê-lo principalmente porque sua presença nos deixa contentes e assim para soltar o riso basta muito pouco, só vê-las e estar em sua companhia e ouvi-las, mesmo que não estejam dizendo nada do outro mundo ou até emendem bobagens e piadas sem graça uma atrás da outra deliberadamente, mesmo assim achamos todas engraçadas. Pareciam ser dessas pessoas feitas uma

para a outra; e embora se visse que eram casados, nunca surpreendi neles um gesto edulcorado nem forçado, tampouco estudado, como os de alguns casais que convivem há anos e fazem questão de exibir o quanto continuam enamorados, como um mérito que os revaloriza ou um adorno que os embeleza. Era, em vez disso, como se quisessem ser simpáticos um ao outro e se agradar antes de um possível namoro; ou como se tivessem tanto apreço e bem querer desde antes do casamento, ou de se juntarem, que em qualquer circunstância teriam se escolhido espontaneamente — não por dever conjugal, nem por comodidade, nem por hábito, nem mesmo por lealdade — como companheiro ou acompanhante, amigo, interlocutor ou cúmplice, na certeza de que, acontecesse o que acontecesse ou sobreviesse, ou o que houvesse que contar ou ouvir, sempre seria menos interessante ou divertido com um terceiro. Sem ela no caso dele, sem ele no caso dela. Havia camaradagem e, principalmente, convicção.

Miguel Desvern ou Deverne tinha feições agradáveis e uma expressão varonilmente afetuosa, o que o tornava atraente de longe e me fazia supor que devia ser irresistível na convivência. É provável que tivesse prestado mais atenção nele do que em Luisa, ou que ele é que tenha me obrigado a também prestar atenção nela, já que, se vi muitas vezes a mulher sem o marido — ele saía antes da cafeteria e ela ficava quase sempre mais uns minutos, às vezes sozinha, fumando, às vezes com uma ou duas colegas de trabalho ou mães do colégio ou amigas, que uma ou outra manhã se juntavam a elas na última hora, quando ele já estava se despedindo —, o marido eu nunca vi sem a mulher ao lado. Para mim, sua imagem sozinha não existe, é com ela (foi uma das razões pelas quais de início não o reconheci no jornal, porque Luisa não aparecia). Mas logo depois ambos passaram a me interessar, se é esse o verbo adequado.

Desvern tinha cabelo curto, basto e bem negro, com fios grisalhos somente nas têmporas, que se adivinham mais crespas que o resto (se houvesse deixado crescer as costeletas, quem sabe

não teriam aparecido uns cacheados incongruentes). Seu olhar era vivo, sossegado e alegre, com uma centelha de ingenuidade ou puerilidade quando ouvia, o olhar de um indivíduo a que a vida em geral diverte, ou que não está disposto a passar por ela sem desfrutar dos mil aspectos engraçados que ela encerra, inclusive em meio às dificuldades e às desgraças. É bem verdade que deve ter sofrido muito poucas comparado ao que é o destino mais comum dos homens, o que devia ajudá-lo a conservar aqueles olhos confiantes e sorridentes. Eram cinzentos e pareciam registrar tudo como se tudo fosse novidade, até o insignificante que se repetia diariamente, aquela cafeteria do início da Príncipe de Vergara e seus garçons, minha figura muda. Tinha uma covinha no queixo. Ele me fazia lembrar de um diálogo do cinema em que uma atriz perguntava a Robert Mitchum ou Cary Grant ou Kirk Douglas, não lembro, como se arranjava para se barbear ali, tocando na covinha com o indicador. Eu tinha vontade de levantar da minha mesa todas as manhãs, aproximar-me da Deverne e perguntar a mesma coisa, e tocar por minha vez na sua com o polegar ou o indicador, levemente. Sempre estava muito bem barbeado, inclusive na covinha.

Eles prestaram muito menos atenção em mim, infinitamente menos do que eu neles. Pediam seu despejo no balcão e, uma vez servido, levavam-no para uma mesa junto da vidraça que dava para a rua, enquanto eu sentava numa mais ao fundo. Na primavera e no verão todos nos sentávamos no terraço, e os garçons nos passavam os pedidos por uma janela aberta na altura do balcão, o que dava lugar a várias idas e vindas de uns e outros e a maior contato visual, porque de outro tipo não houve. Tanto Desvern como Luisa cruzaram alguns olhares comigo, de mera curiosidade, sem intenção e jamais prolongado. Ele nunca olhou para mim de maneira insinuante, conquistadora ou presunçosa, o que teria sido uma decepção, e ela também nunca demonstrou

ciúme, superioridade ou displicência, o que teria me causado desgosto. Eram os dois que me cativavam, os dois juntos. Eu não os observava com inveja, não era isso, em absoluto, mas com o alívio de verificar que na vida real podia existir o que a meu ver devia ser um par perfeito. E me pareciam mais ainda isso na medida em que o aspecto de Luisa não batia com o de Deverne, quanto ao estilo e ao vestir. Junto de um homem tão alinhado como ele a gente esperaria ver uma mulher com idênticas características, clássica e elegante, embora não necessariamente previsível, de saia e sapato de salto alto na maioria das vezes, com roupa de Céline, por exemplo, e brincos e pulseiras chamativos mas de bom gosto. Em vez disso, ela alternava um estilo esportivo com outro que não sei se qualifico de casual ou negligente, em todo caso nada rebuscado. Tão alta quanto ele, era morena de pele, com cabelos médios, castanhos muito escuros, quase negros, e pouquíssima maquiagem. Quando usava calça — geralmente jeans —, ela a acompanhava com um casaco convencional e bota ou sapato sem salto; quando usava saia, os sapatos eram de salto médio e sem extravagâncias, quase idênticos aos que muitas mulheres calçavam nos anos 50, ou no verão sandálias rasteiras que deixavam à mostra pés pequenos para sua estatura e delicados. Nunca a vi com nenhuma joia, e suas bolsas eram a tiracolo. Era tão simpática e alegre quanto ele, porém seu riso era menos sonoro; mas igualmente fácil e talvez mais caloroso, com seus dentes resplandecentes que lhe conferiam uma expressão um tanto infantil — devia rir da mesma forma desde os quatro anos, sem poder evitar —, ou eram as bochechas, que se arredondavam. Era como se houvessem adquirido o costume de respirar juntos um pouco, antes de irem para seus respectivos trabalhos, depois de porem fim à roda-viva matinal das famílias com filhos pequenos. Um instante para eles, para não se separar um do outro no meio da correria e conversar animadamente, eu

me perguntava do que falavam ou o que se contavam — como é que tinham tanto para se contar, se iam para a cama e se levantavam juntos e mantinham um ao outro a par de seus pensamentos e andanças —, sua conversa só chegava a mim em fragmentos, ou em palavras soltas. Uma vez eu a ouvi chamá-la de “princesa”.

Por assim dizer, eu desejava a eles todo o bem do mundo, como aos personagens de um romance ou de um filme cujo partido a gente toma desde o início, sabendo que alguma coisa de ruim vai acontecer com eles, que algo vai dar errado em algum momento, ou não haveria romance ou filme. Na vida real, entretanto, não tinha por que ser assim e eu esperava continuar a vê-los todas as manhãs tal como eram, sem encontrá-los um dia com desapego unilateral ou mútuo e sem saber o que se dizer, impacientes por se perderem de vista, com um esgar de irritação ou de indiferença. Eles eram o breve e modesto espetáculo que me punha de bom humor antes de entrar na editora para enfrentar meu chefe megalomaníaco e os chatos dos seus autores. Se Luisa e Desvern se ausentavam uns dias, sentia falta deles e encarava meu dia de trabalho mais mortificada. Em certa medida, eu me sentia em dívida com eles, porque, sem saber nem pretender, eles me ajudavam diariamente e me permitiam fantasiar sobre sua vida que imaginava sem mácula, tanto que me alegrava não poder comprovar nem averiguar nada a esse respeito e assim não sair do meu encantamento passageiro (eu tinha a minha com muitas máculas, e a verdade é que só voltava a me lembrar deles na manhã seguinte, enquanto praguejava no ônibus por ter madrugado, isso acaba comigo). Eu teria desejado oferecer a eles algo parecido, mas não era o caso. Eles não precisavam de mim, nem de ninguém provavelmente, eu era quase invisível, apagada pelo contentamento deles. Só uma ou outra vez, quando ele saiu e depois de dar o costumeiro beijo nos lábios de Luisa — ela nunca esperava esse beijo sentada, punha-se de

pé para retribuí-lo —, fez um leve gesto de cabeça para mim, quase uma inclinação, depois de ter espichado o pescoço e erguido a mão a meia altura para se despedir dos garçons, como se eu fosse um destes, mas feminina. Sua mulher, observadora, me fez um gesto parecido quando saí — sempre depois dele e antes dela —, as mesmas duas vezes em que seu marido havia tido essa deferência. Mas quando quis corresponder a eles com minha inclinação mais leve ainda, tanto ele como ela já haviam desviado o olhar e não me viram. Tão rápidos foram, ou tão prudentes.